



**NARRATIVAS QUALIRAS E TEATRALIDADES:
possibilidades artístico-pedagógicas na formação docente**

**NARRATIVAS QUALIRAS Y TEATRALIDADES:
posibilidades artístico-pedagógicas en la formación docente**

**QUALIRA NARRATIVES AND THEATRICALITIES:
artistic and pedagogical possibilities in teacher training**

Fernando Augusto do Nascimento¹

<https://orcid.org/0000-0003-1830-0194>

Vicente Concilio²

<https://orcid.org/0000-0003-2897-1581>

Resumo

Este artigo propõe um diálogo entre as propostas artístico-pedagógicas com a leitura e teatralidade e as narrativas qualiras, termo pejorativo típico de São Luís – MA para nomear homossexuais afeminados (o qual aqui é ressignificado como ato de resistência). A experiência foi mediada no ano de 2019, durante uma oficina teórico-prática proposta para docentes da educação básica das múltiplas áreas do conhecimento. Os objetivos foram investigar a potência da metáfora nos livros literários com temáticas qualiras, além de propor a aproximação dos/as participantes desse vocábulo nordestino em interlocução com as práticas de leitura e teatralidade. Partindo desses pressupostos, foram utilizados (as) autores (as) como Jackson Sá-Silva (2012) e Alderico Almeida (2022), Carmen Bobes (2004) e Heloise Vidor (2016, 2020). Os dados foram coletados e analisados a partir de registro fotográfico, oral (gravado) e escrito de participantes da oficina.

Palavras-chave: pedagogia das artes cênicas, qualira, leitura e teatralidade, ensino do teatro.

Resumen

Este artículo propone un diálogo entre propuestas artístico-pedagógicas con lectura y teatralidad y narrativas qualiras, término peyorativo propio de São Luís - MA para nombrar a los homosexuales afeminados (que aquí se resignifica como un acto de resistencia). La experiencia fue mediada en 2019, durante un taller teórico-práctico propuesto para docentes de educación básica de múltiples áreas del conocimiento. Los objetivos fueron investigar el poder de la metáfora en libros

¹ Professor de Arte no ensino fundamental na Rede Pública Municipal de Tijucas - SC. Mestre e doutorando em Teatro pela Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas na Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. E-mail: nandonascimento2023@gmail.com

² Professor no curso de Licenciatura em Teatro e na Pós-Graduação em Artes Cênicas da UDESC. E-mail: viconcilio@gmail.com

literarios de temática qualira, además de proponer la aproximación de los participantes al vocabulario del nordeste brasileño en diálogo con las prácticas de lectura y teatralidad. Con base en estos supuestos, se utilizaron autores como Jackson Sá-Silva (2012) y Alderico Almeida (2022); Carmen Bobes (2004) y Heloise Vidor (2016, 2020). Los datos fueron recopilados y analizados a partir de registros fotográficos, orales (grabados) y escritos de los participantes del taller.

Palabras clave: pedagogía de las artes escénicas, qualira, lectura y teatralidad, enseñanza del teatro.

Abstract

This article proposes a dialogue between artistic-pedagogical proposals with reading and theatricality and qualira literature. Qualira is a pejorative term, typical from São Luís - MA, that names effeminate homosexuals (which here is resignified as an act of resistance). The experiment took place in 2019, during workshop for teachers from multiple areas of knowledge. The goals were to investigate the power of metaphor in literature with qualira themes, in addition to proposing the approximation of the participants to the Northeastern vocabulary in interlocution with the practices of reading and theatricality. Based on these assumptions, authors such as Jackson Sá-Silva (2012) and Alderico Almeida (2022), Carmen Bobes (2004) and Heloise Vidor (2016, 2020) supported the work. The data were collected and analyzed from photographic, oral and written records of participants of the workshop.

Keywords: theatre pedagogy, qualira, reading and theatricality, theater teaching.

Narrativas qualiras na escola a partir da formação continuada de professores/as da educação básica

[...] é por essa razão, creio eu, que a narrativa de ficção continua existindo como produto da cultura porque vem para nos dizer sobre nós de um modo que as ciências ou as estatísticas ainda não podem fazer. Uma narrativa é uma viagem que nos remete ao território de outro ou de outros, uma maneira, então, de expandir os limites de nossa experiência, tendo acesso a um fragmento de mundo que não é o nosso (ANDRUETTO, 2012, p. 54).

Podemos iniciar nosso diálogo com base nas experiências dos sujeitos que compõem a presente pesquisa, pois, desde muito cedo, ao nos percebermos como uma criança viada³, compreendemos que é um ato de resistência manter nosso jeito de ser e estar no mundo em

³ Fazemos referência à obra *Criança Viada*, da artista Bia Leite. Obra que esteve no centro dos discursos preconceituosos em 2017, após a censura da exposição “Queermuseu – Cartografias da diferença na Arte brasileira”, organizada e patrocinada pelo Banco Santander Cultural, de Porto Alegre - RS. Disponível em: <https://mdemulher.abril.com.br/cultura/crianca-viada-o-que-esta-por-tras-da-obra-que-gerou-revolta/>. Acesso em: 17 jan. 2023.

ambientes que valorizam comportamentos heteronormativos. A escolha óbvia, do ponto de vista da sobrevivência, seria tentar escondermos nossos modos de existir.

Partindo de diferentes contextos do Brasil, das capitais de São Luís – MA e São Paulo – SP, por exemplo, as nossas experiências de viadagens que subvertiam a heteronormatividade⁴ (LINS; MACHADO; ESCOURA, 2016), no âmbito educacional, marcaram nossas trajetórias como bichas afeminadas. Não podemos afirmar que as vivências de todas as bichas são iguais, mas há uma certa narrativa em comum.

Quando, muito cedo, somos chamados de **bichinhas**, por exemplo, um frio corre pela espinha: é como se um segredo muito íntimo fosse incapaz de ser ocultado. Aos olhos do mundo, somos nomeados por coisas que já entendemos ter a intenção da ofensa, do desprezo e da homofobia. Para homossexuais ludovicenses, o xingamento **qualira** (SÁ-SILVA, 2012; ALMEIDA, 2022; NASCIMENTO, 2022), equivalente a expressões pejorativas como ‘bixa’ e ‘viado’ em outras regiões do Brasil, faz parte das nossas memórias homofóbicas na escola. Para o pesquisador maranhense Jackson Ronie Sá-Silva, em sua tese de doutorado *Homossexuais são...: revisitando livros de medicina, psicologia e educação a partir da perspectiva queer* (2012), essas são “[...] operações que insistem em apontar e desqualificar homens interpretados como dóceis, passivos, femininos e frágeis” (SÁ-SILVA, 2012, p. 19). Nesse sentido, esse insulto proferido somente com o intuito de nos mostrar como éramos a escória da sociedade vem sendo, nos últimos anos, ressignificado por estudiosos qualiras de São Luís do Maranhão.

A apropriação acadêmica desse vocábulo por sujeitos qualiras visa empoderar e dar sentido às experiências de resistência frente à homofobia no cotidiano escolar. Por essa razão, qualira será o vocábulo com o qual denominaremos as manifestações de nossa bichice. Baseado nessas ideias, este artigo propõe um recorte das pesquisas e práticas artísticas nas quais investigamos aproximações possíveis entre as metodologias de ensino do teatro – como o Drama⁵ – e propostas que envolvem jogos entre atos de leitura e teatralidade (VIDOR, 2016,

⁴ “Heteronormatividade: é suposto que as pessoas possuam naturalmente o desejo heterossexual. Isto é, parte-se do pressuposto de que ser heterossexual é a norma e o ideal a ser seguido; qualquer tipo de comportamento que se distancie da heterossexualidade é considerado um desvio, uma doença e/ou um problema” (LINS; MACHADO; ESCOURA, 2016, p. 126).

⁵ Método inglês de ensino do teatro. A professora e pesquisadora Beatriz Cabral, docente aposentada do curso de Licenciatura em Teatro da UDESC, trouxe essa proposta metodológica para o Brasil na década de 1990, após pesquisa de doutorado em drama na educação, *University of Central England* (PEREIRA, 2015).

2020), em diálogo com as narrativas qualiras (SÁ-SILVA, 2012; ALMEIDA, 2022; NASCIMENTO, 2022).

Portanto, apropriamo-nos dos estudos de Heloise Vidor (2016, 2020) acerca das propostas de jogos com o texto, a oralidade e a teatralidade para investigar possibilidades de leituras de literaturas qualiras e aproximar docentes-participantes da oficina das nossas (re)existências de qualiragens. Isto é, de baques, closes, viadagens, frescuragens, narrativas e todas as formas de performar as nossas (re)existências frente às coerções heteronormativas. Dessa forma, neste artigo, propomos algumas reflexões acerca das narrativas qualiras a partir da oficina intitulada *Teatralidade, leitura e literaturas qualiras*, a qual foi oferecida a docentes da educação básica no XII Colóquio de Grupos de Pesquisa Formação de Educadores e Educação Sexual: em defesa dos Direitos Humanos, no ano de 2019, na Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC.

Um dos objetivos da prática consistia em investigar a potência da metáfora em histórias que tematizavam gênero e sexualidade. Para isso, foi realizada uma oficina teórico-prática, em quatro horas-aula, com docentes da educação básica das diversas áreas do conhecimento (Letras – Inglês e Português, Filosofia, Ciências e Arte), com registro fotográfico, oral (gravado) e escrito com autorização prévia das pessoas que participaram. Assim, este texto se divide em dois momentos: na primeira parte, compartilhamos o planejamento da prática. Em seguida, descrevemos a oficina com ênfase nas composições de leitura e teatralidade dos livros infanto-juvenis *Uma pergunta tão delicada* (2014), de Leen Van Den Berg e *O menino perfeito* (2017), de Bernat Cormand.

Posteriormente, destacamos as seguintes reflexões teóricas, a saber: a importância da metáfora nos livros literários infanto-juvenis, segundo María Teresa Andruetto (2012) e Carmen Bobes (2004), em diálogo com temáticas de gênero e sexualidade, com base nos escritos do autor Antonio de Pádua Dias da Silva (2012). As aproximações e apropriações de jogos com a leitura e a teatralidade, através das pesquisas da autora Heloise Vidor (2016, 2020), para trazer à tona experiências de qualiragens a partir da ficção.

Além disso, compartilhamos as narrativas qualiras, conforme os autores Jackson Sá-Silva (2012), Alderico Segundo Almeida (2022) e Fernando Nascimento (2022), para discutir sobre as experiências de homofobia, acolhimento e transgressões de gênero e sexualidade no âmbito

escolar, com o objetivo de propor práticas artístico-pedagógicas que contribuam na formação continuada de docentes na educação básica de Santa Catarina.

A concepção artístico-pedagógica da oficina: outros olhares para a narrativa ficcional na formação docente

[...] o papel da literatura para o exercício da alteridade, já que a ação de debruçar-se sobre um texto de ficção como leitor ou, no caso do teatro, como ator ou diretor coloca explicitamente o enfrentamento com o pensamento do outro (VIDOR, 2016, p. 94-95).

Há cerca de 10 anos, estamos investigando as relações entre as narrativas qualiras e as metodologias de ensino do teatro com foco na formação docente (inicial e continuada), bem como por meio de experiências artístico-pedagógicas com estudantes na escola na educação básica, além de oficinas em eventos acadêmicos, disciplinas da pós-graduação da UDESC e festivais de teatro em Santa Catarina e no Maranhão.

Entre 2016 e 2020, por exemplo, realizamos o projeto Arte e Gênero⁶ (fotomontagem 1 – as duas imagens do lado direito), na Universidade Federal do Maranhão – UFMA, o qual permitiu a realização de formações continuadas acerca dos estudos de gênero, sexualidade e pedagogia *Queer*⁷ no âmbito escolar.

⁶ Projeto contemplado pelo Edital n.º 007/2016 – Igualdade de Gênero, da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão – FAPEMA. A última etapa do projeto foi o lançamento do *e-book Arte, gênero, sexualidade e educação: saberes e práticas de equidade na escola* (2020), no qual professores/as e ex-discentes da UFMA e UDESC compartilharam reflexões sobre gênero, sexualidade e pedagogia *Queer* na escola. Disponível em: <https://www.edufma.ufma.br/index.php/produto/arte-genero-sexualidade-e-educacao-saberes-e-praticas-de-equidade-na-escola/>. Acesso em: 11 fev. 2023.

⁷ “Uma pedagogia e um currículo *queer* ‘falam’ a todos e não se dirigem apenas àqueles ou àquelas que se reconhecem nessa posição-de-sujeito, isto é, como sujeitos *queer*”. Uma pedagogia *Queer* “sugere o questionamento, a desnaturalização e a incerteza como estratégias férteis e criativas para pensar qualquer dimensão da existência (LOURO, 2001, p. 552).

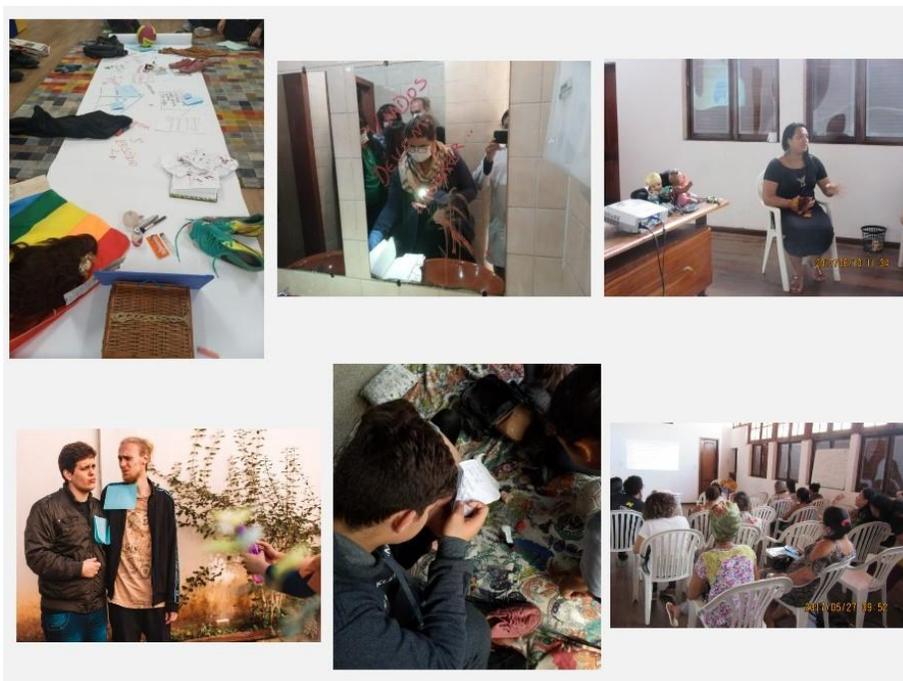


Figura 1. Oficina de Drama, Blumenau, 2022; Formação docente em Arte e Gênero, São Luís, 2017.

Fonte: Acervo dos projetos (2017 – 2022).

Em 2017, mediamos práticas artísticas na disciplina *Processos educacionais em artes cênicas e formação de professores/as em teatro* (2017), ministrada pela Profa. Dra. Heloíse Vidor, no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas - UDESC. Na disciplina, investigamos as literaturas infanto-juvenis com temáticas de gênero e sexualidade como caminhos de aproximações poéticas e metafóricas para práticas com discussões qualiras na escola (NASCIMENTO, 2020). Posteriormente, tais reflexões foram publicadas no livro intitulado *A poesia do texto na (po)ética do encontro: experiências artístico-pedagógicas com a literatura, a leitura e o teatro* (VIDOR, 2020).

Para a oficina realizada em 2019, no evento XII Colóquio de Grupos de Pesquisa Formação de Educadores e Educação Sexual: Em Defesa dos Direitos Humanos – UDESC, nossos objetivos foram proporcionar aos/às participantes uma aproximação das narrativas qualiras através da leitura e da teatralidade, assim como perceber a potência da metáfora em literaturas com temáticas de gênero e sexualidade nas práticas artísticas na escola. No ano de 2022, durante o Festival Internacional de Teatro Universitário de Blumenau (FITUB), realizamos duas oficinas de Drama e Gênero (fotomontagem 1 – as duas imagens do lado esquerdo, além

das fotografias centralizadas): a primeira com estudantes adolescentes do ensino fundamental e a segunda com docentes da educação básica por meio do Serviço Social do Comércio (SESC).

É importante salientar que essas experiências foram realizadas no auge do governo de B...⁸, em Santa Catarina, um dos estados mais b... do Brasil. Em 2019, por exemplo, intensificaram os casos de censuras a literaturas⁹ e espetáculos teatrais¹⁰ com discussões de gênero e sexualidade pelo país. Além dos discursos de ódio proferidos pela Deputada Estadual Ana Carolina Campagnolo¹¹, de Santa Catarina, contra os estudos de gênero, feminismo e docentes catarinenses da educação básica.

À medida que o neoconservadorismo se solidificou no país, nas últimas décadas, casos de censura ganharam notoriedade na mídia. Essas questões foram apontadas por docentes-participantes que, ao mesmo tempo que relataram estarem na oficina com o intuito de se aproximarem desses campos de estudos, destacaram também o medo de perseguições. Contudo, mesmo diante daquele contexto repressivo, eventos acadêmicos e oficinas criavam diálogos emancipatórios no que tange às discussões de gênero e sexualidade em Santa Catarina. A proposta da oficina era também criar momentos de afetos e resistências, incentivando os/as docentes-participantes a seguirem emancipando e acolhendo corpos qualiras na escola.

Dessa forma, pensamos numa proposta na qual, a partir dessa experiência, os/as professores/as se sentissem interessados/as em continuar investigando possibilidades de utilização das literaturas com essas temáticas em suas práticas na escola. Assim, a organização da sequência didática da oficina se estruturou da seguinte forma:

⁸ Por entendermos que nossos escritos são registros históricos de resistências, neste artigo, optamos por não nomear essa pessoa que atravessou, tragicamente, as nossas vidas, entre 2019 e 2022, como presidenciável do Brasil. Sendo assim, quando mencionarmos seu nome ou o movimento que surgiu no país para identificar seus apoiadores/as, utilizaremos a expressão ‘B...’ e ‘b...’, respectivamente.

⁹ Justiça veta censura homofóbica de Crivella na Bienal do Livro do Rio. Disponível em: mailto:https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/06/politica/1567794692_253126.html. Acesso em: 25 fev. 2023.

¹⁰ “[...] O espetáculo, que integra a 10 edição do projeto Viagem Teatral e que faria parte da programação cultural do mês realizado pela Secretaria de Cultura de Xanxerê, foi censurado a pedido do grupo de pastores, presidido pelo Sr. Aristides dos Reis Miranda. O pedido do pastor foi acatado pelo prefeito da cidade, Avelino Menegolla. O motivo da decisão, segundo o pastor, é que o conteúdo do espetáculo ‘vai ao desencontro dos princípios que pregamos na igreja’ [...]”. Disponível em: https://web.facebook.com/harmonicaarte/posts/1931811053579425?comment_id=1933192350107962¬if_id=1537569025333334¬if_t=feedback_reaction_generic. Acesso em: 2 fev. 2023.

¹¹ Disponível em: https://oglobo.globo.com/brasil/deputada-denunciada-por-incentivar-caca-professores-volta-ficar-impedida-de-publicar-em-redes-sociais-23440224. Acesso em: 20 fev. 2023.

Tabela 1: Estrutura artístico-pedagógica da oficina em 2019

1º - Momento introdutório, em círculo, para conhecermos os/as participantes e compartilharmos as experiências com as questões de gênero, sexualidade, pedagogia <i>Queer</i> , narrativas qualiras e algumas metodologias de ensino do teatro na escola.
2º - Compartilhamento de obras literárias com temáticas de gênero e sexualidade a partir de alguns livros dos acervos: <i>Bibliotequinha</i> – UDESC e <i>Arte e Gênero</i> – UFMA. ¹²
3º - Primeira prática de leitura e teatralidade com o livro ‘Uma pergunta tão delicada’ (2017), da autora Leen Van Den Berg.
4º - Conversa sobre a experiência da leitura compartilhada e discussões sobre os aspectos metafóricos e ‘didáticos’ presentes no artigo ‘Entre o metafórico e o didático: caminhos de apropriações do texto literário em diálogo com as discussões de gênero e sexualidade nas aulas de teatro’ (2020).
5º – Intervalo: 10 minutos.
6º - Segunda prática de leitura e teatralidade com o livro ‘O menino perfeito’ (2017), do autor Bernat Cormand.
7º - Conversa sobre a experiência da leitura compartilhada, discutindo a temática qualira na literatura, bem como a teatralidade na experiência de composição artística e mediação da leitura.
8º - Escrita individual de relatos a respeito da experiência da oficina e considerações finais em grupo.

Fonte: Elaborada pelo autor (2023).

No processo de construção da oficina, a escolha dos livros *Uma pergunta tão delicada* (2014), de Leen Van Den Berg e *O menino perfeito* (2017), de Bernat Cormand dialogavam com nosso intuito de propor a docentes aproximações com livros literários (tabela 2) com representatividade qualira numa perspectiva metafórica.

Tabela 2: Resumos das obras

Uma pergunta tão delicada¹³ (2014)	O menino perfeito (2017)
O elefante estava sentado e tinha uma pergunta delicada a fazer... “[...] como é que você sabe se está apaixonado por alguém?”. E ali, no alto da colina da floresta, estavam todos reunidos para procurar a melhor resposta. Um livro enternecedor sobre a importância do	Daniel é um menino obediente, estudioso e prestativo. Aos olhos de todos à sua volta é o menino perfeito. Ajuda a pôr a mesa, toca com dedicação nas aulas de piano, lê seu livro favorito todas as noites antes de dormir. Enquanto acompanhamos sua vida tão regrada, folheando as páginas em tom pastel, a ansiedade vai crescendo. Alguma coisa acontece com Daniel, ele esconde algo, só pode. É tudo

¹² Os acervos bibliográficos do projeto *Bibliotequinha*, desenvolvido pela Profa. Dra. Heloíse Vidor, no curso de Licenciatura em Teatro da UDESC e o acervo *Arte e Gênero*, do projeto desenvolvido por Fernando Nascimento (Nando Nascimento) e às professoras doutoras Fernanda Areias e Tânia Ribeiro, docentes do curso de Licenciatura em Teatro da UFMA. O primeiro acervo possui obras literárias infanto-juvenis que abordam diversas temáticas, enquanto, no segundo, há referências literárias somente de gênero, sexualidade, feminismo e qualira com intersecções étnico-raciais.

¹³ Resumos das obras extraídos dos referidos livros.

amor em todas as suas manifestações.	muito limpo, muito asséptico, simétrico. É aí que Daniel ganha nossa confiança, a confiança do leitor, e divide seu segredo. Os olhos baixos das primeiras páginas, que fogem do próprio espelho, nos encaram com cumplicidade e nos revelam algo...
--------------------------------------	--

Fonte: Elaborada pelo autor (2023).

As indicações das propostas de composições de leituras compartilhadas foram baseadas nas pesquisas da autora Heloise Vidor (2016, 2020) a respeito da leitura e da teatralidade na mediação de livros literários nas aulas de teatro. Portanto, no que tange à escolha das literaturas, optamos por obras literárias ficcionais, pois nos interessava investigar a potência da ficção como possibilidade de ampliar a sensibilidade e a empatia nas pessoas leitoras quando estivessem corpo a corpo com os livros com narrativas qualiras.

Nos próximos tópicos, compartilhamos, de acordo com a sequência didática planejada para a oficina, as etapas metodológicas. Em seguida, destacamos algumas problematizações teóricas e práticas relacionadas a leitura e teatralidade em diálogo com as narrativas qualiras nas composições artístico-pedagógicas.

Entre teatralidades e narrativas qualiras: (re)pensando a formação continuada de professores/as da educação básica de Santa Catarina

[...] Os lugares vazios, em suma, caracterizam a estrutura do texto literário como uma articulação com furos que exige do leitor mais do que a capacidade de decodificação. [...] O vazio exige do leitor uma participação ativa através da imaginação (VIDOR, 2016, p. 87).

Inicialmente, com todas as pessoas dispostas em círculo (fotomontagem 2), realizamos a apresentação. Em seguida, compartilhamos as nossas experiências com as questões de gênero e sexualidade naquele momento conturbado, auge do governo de B..., para abordar essas discussões nas escolas de Santa Catarina.

Durante essa conversa, destacamos que sempre foi difícil discutir esses temas no contexto escolar catarinense. Todavia, naquele período em especial, no qual o maior chefe da República legitimava discursos de ódio contra a comunidade LGBTQIAP+¹⁴, os olhares vigilantes estavam

¹⁴ “De acordo com o movimento social, essa sigla compõe Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, Assexuais, Agêneros, Queers e outras variações de orientação sexual e identidades de gênero” (ALMEIDA, 2022, p. 21).

em todos os lugares da escola, inclusive de pessoas favoráveis ao então presidente B... (colegas professores/as, alunos/as, familiares dos/as estudantes e diretores/as declaradamente b...).



Fig. 2. Primeiros compartilhamentos artísticos com educadores/as no evento da UDESC, em 2019.

Fonte: Dayana Roberta (2019).

Ainda nesse momento introdutório, no qual nos conhecíamos e compartilhávamos nossas relações com os estudos de gênero e o teatro na escola, também explicamos conceitos básicos que seriam abordados na oficina, a exemplo das narrativas qualiras. Assim, conversamos sobre como existem diversos xingamentos no Brasil, a exemplo de viado, bixa, fresco, biba, mulherzinha, mariquinha, baitola, boiola, frutinha, qualira, dentre outros, para se referir a homossexuais (SÁ-SILVA, 2012).

Na última década, alguns desses termos homofóbicos foram ressignificados com o intuito de contemplar as nuances e complexidades das experiências de viagens nos diversos contextos brasileiros, de Norte a Sul, do Nordeste ao Centro-Oeste. Palavras antes pejorativas ganham outra dimensão quando as pessoas que eram por elas oprimidas se apropriam desses vocábulos e dão o troco aos algozes, mostrando que não há mais ofensa naquele termo, mas sim força e reconhecimento.

Nesse sentido, as experiências compartilhadas para discutir as práticas de leitura e teatralidade utilizam a noção de narrativa qualira (SÁ-SILVA, 2012; ALMEIDA, 2022; NASCIMENTO, 2022) como possibilidade de analisar os nossos atravessamentos transgressivos de gênero e sexualidade no contexto da heteronormatividade. Portanto, por narrativa qualira compreendemos como as experiências que professores/as qualiras narram sobre as situações de homofobia no cotidiano escolar e a resignificação como afirmação positiva do **ser qualira** para (re)existir em sala de aula.

Para a primeira composição artístico-pedagógica de leitura e teatralidade (VIDOR, 2016), do livro *Uma pergunta tão delicada* (2014), foram mediadas as seguintes indicações: ler – quando desejar -, sendo que o livro poderia ser lido ou compartilhado adiante para outras pessoas lerem. Se alguém quisesse ler, poderia também pedir para realizá-la; vocalizar – alto ou baixo – para todos/as ou direcionada para alguém; ver e ouvir – com os olhos vendados ou não – sendo que as vendas (fotomontagem 3) foram solicitadas somente no momento introdutório à leitura, quando a música instrumental de sons da floresta foi compartilhada, na caixinha de som, de forma individual, próximo ao/a participante.

Além dessas regras, também pedimos ao grupo que, no decorrer da leitura e em diálogo com a narrativa do livro, ao ouvirem o som do pandeiro, quem quisesse poderia ir até a cadeira, colocar os óculos e partilhar uma memória (fotomontagem 3).



Fig. 3. Como é estar apaixonado(a)?

Fonte: Dayana Roberta (2019).

Por fim, seguimos com a sequência da leitura adentrando no universo daquela floresta, conhecendo as histórias de amor e desilusão dos seres que habitavam aquele local causadas pela pergunta delicada do elefante sobre “[...] mas como você sabe se está mesmo apaixonado?” (BERG, 2012, p. 13).

Após a conversa sobre a experiência da primeira composição artística, houve uma breve discussão sobre o artigo *Entre o metafórico e o didático: caminhos de apropriações do texto literário em diálogo com as discussões de gênero e sexualidade nas aulas de teatro* (NASCIMENTO, 2020), do qual problematizamos os caminhos ‘didáticos’ e metafóricos para discutir questões de gênero e sexualidade em duas obras: *Uma pergunta tão delicada* (2014), de Leen Van Den Berg e *Menina não entra* (2007), de Thelma Guimarães Castro Andrade.

Enquanto, na segunda prática, com base no livro *O menino perfeito* (2017), de Bernat Cormand, conhecemos a história de Daniel. Conforme ilustram as seguintes imagens (fotomontagem 4), os/as participantes ficaram em círculo em torno da caixinha, enquanto Fernando Nascimento e Bárbara Vieira ficavam, também no círculo, frente a frente. Iniciamos a prática dividindo a leitura das páginas somente entre Fernando Nascimento e Bárbara Vieira.



Fig. 4. Qual é o segredo de Daniel?

Fonte: Dayana Roberta (2019).

Os/as participantes, naquele momento (fotomontagem 4), foram convidados/as a mergulhar nos segredos de Daniel para tentar refletir quais poderiam ser os anseios daquela personagem. Ainda nessa proposta, os/as participantes também poderiam compartilhar segredos – reais, ficcionais ou que transitassem entre o real e o fictício – em diálogo com as práticas do teatro contemporâneo, como explicado durante a oficina. Considerando que, em alguns relatos, os/as professores/as comentaram que pensavam o teatro na escola sempre associado a um palco, com uma cortina e uma plateia frontal.

Em seguida, discutimos sobre essa experiência e, para finalizar, ocorreu a escrita (individual) dos relatos a respeito da oficina. Na próxima seção, apontamos alguns momentos entrelaçados com reflexões teóricas sobre a metáfora e as narrativas qualiras em diálogo com as falas dos/as participantes a fim de problematizar a prática e (re)pensar tais mediações para futuras formações docentes.

Composições de leitura e teatralidade: práticas e reflexões artístico-pedagógicas

[...] A criação nasce, pois do particular, qualquer que seja a particularidade que, como ser humano, caiba a quem escreve, e é o foco no pequeno que permite, por

meio do metafórico, inferir o vasto mundo, olhando muito do pouco, como quer o preceito clássico (ANDRUETTO, 2012, p. 56).

A partir do primeiro contato com o público-alvo da oficina, isto é, docentes de diversas disciplinas da educação básica, com pouca ou nenhuma aproximação com o teatro e estudos de gênero, foi possível diagnosticar as seguintes questões: muitos/as daqueles/as professores/as ainda não compreendiam conceitos basilares dos estudos de gênero e sexualidade; havia dúvidas quanto ao significado da sigla LGBTQIAP+, as quais também foram sanadas e problematizadas durante a conversa inicial.

Por conseguinte, também percebemos os impactos nefastos de falácias como “ideologia de gênero”¹⁵ (SILVA, 2019), criadas para menosprezar e deslegitimar os estudos de gênero como campo científico, bem como discursos como ‘meninos vestem azul, meninas vestem rosa’ que contribuem para a homofobia na escola¹⁶.

Ainda com relação ao momento inicial, em diálogo com Heloíse Vidor (2016), acreditamos que poderíamos ter começado com exercícios preliminares envolvendo corpo/voz e leituras de poemas, fragmentos de textos dramaturgicos ou letras de músicas com temáticas qualiras, a saber: *A dama da noite*, de Caio Fernando Abreu; *O incrível caso do menino de vestido*, de Dib Carneiro Neto; *A lenda*, de Linn da Quebrada; *Indestrutível*, de Pablo Vittar, dentre outros. Esses textos poderiam ser mediados como proposta de aquecimento corporal e vocal de leitura para imersão do grupo no universo das narrativas qualiras.

A respeito das aproximações dos/as docentes-participantes com a leitura e a teatralidade (VIDOR, 2016) e as narrativas qualiras (SÁ-SILVA, 2012; ALMEIDA, 2022; NASCIMENTO, 2022), um dos objetivos da oficina, os relatos dos/as professores/as demonstraram a relevância

¹⁵ Para mais informações, sugerimos a leitura do artigo: SILVA, Elder Luan dos Santos. A ‘Ideologia de Gênero’ no Brasil: conflitos, tensões e confusões terminológicas. **Revista Periódicus**, Bahia, n. 1, v. 10, nov. 2018-abr. 2019. p. 268-296. Disponível em: <mailto:https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/27923/17155>. Acesso em: 11 fev. 2023.

¹⁶ “[...] com essa simples frase, a Ministra Damares sintetizou a “nova era” em que estamos ingressando no Brasil. De nova, sabemos que essa era do binarismo de gênero e de sexualidade não tem nada. Tampouco é nova a posição de setores progressistas que estão diminuindo e relativizando a gravidade das declarações de uma autoridade do Estado brasileiro. Aliás, trata-se da primeira fala pública de uma ministra de direitos humanos. [...] As declarações da Ministra Damares têm reflexo na vida do menino afeminado que usa cor de rosa e sofre bullying, da menina trans que não consegue ir à escola, das mulheres que são espancadas por seus maridos. Isso não é diversionismo. Isso é efeito concreto de ideologia na vida das pessoas”. Disponível em: <mailto:https://revistacult.uol.com.br/home/menino-veste-azul-menina-veste-rosa/>. Acesso em: 10 fev. 2023.

dessas articulações como possibilidades de ampliar as experiências artísticas na escola. Com relação a esse envolvimento na primeira prática, a professora Geni¹⁷, destaca que:

*Fiquei maravilhada com as práticas proporcionadas pelo professor Fernando na oficina, e só fiquei pensando em “replicar” tais experiências com mais alunos.
A 1ª prática proporcionou uma leitura que aguçou os sentidos e motivou uma leitura “engajada”, não impositiva. A parte de compartilhar uma memória também foi incrível.
(Relato de Geni, participante da oficina, 2019)¹⁸.*

Enquanto a professora Giro¹⁹ destacou as possibilidades do fazer teatral na escola e da presença da metáfora nos livros literários com representatividade qualira; outro objetivo que discutimos com o grupo como caminho para mediação nas aulas.

Carmem Bobes (2004, p. 6) afirma que a metáfora, nos estudos literários, compreende o “emprego das palavras em sentido distinto do que propriamente lhe corresponde”. No campo da narrativa qualira, a metáfora contribui para dar outros sentidos para as histórias que tematizam as nossas experiências e aproximar o/a participante-leitor/a através do jogo cênico com a leitura e a teatralidade. Ainda acerca dos estudos da metáfora, a autora acrescenta que:

Desde o começo de seus estudos [...] encontra-se na língua como um dos recursos para a criação e ampliação do léxico; codifica-se, às vezes, na fala cotidiana como uma expressão habitual; usa-se no discurso literário como um recurso artístico de ambiguidade, de ornato, de claridade, de precisão, etc. (BOBES, 2004, p. 6, tradução nossa²⁰).

Dessa forma, a metáfora nas literaturas com temáticas qualiras ampliam a pluralidade de sentidos sobre as discussões de gênero e sexualidade. Sendo assim, em contextos escolares nos quais esses temas são tratados como **tabus**, como discutimos durante a oficina, livros que

¹⁷ Nome da personagem travesti da peça *Ópera do Malandro* (1978), de Chico Buarque. Utilizamos nomes fictícios de importantes personagens da literatura dramática com personagens dissidentes para identificar os/as participantes em seus relatos acerca da experiência da oficina. Ressaltamos que esses relatos foram cedidos pelos/as integrantes para a escrita deste artigo. Ainda no início da oficina foi informado ao grupo que aquela experiência seria registrada em fotos, vídeos e registro escrito para produção acadêmica. Posteriormente, enviamos, por e-mail, o termo de autorização de uso de imagens e depoimentos para assinatura.

¹⁸ Neste artigo, utilizamos as narrativas dos/as professores/as nesse formato, centralizado e em itálico como proposta de escrita, bem como para diferenciar essas falas das citações teóricas, as quais seguem o formato de citação direta conforme a ABNT e as normas desta revista científica.

¹⁹ Nome do personagem gay da peça *Abajur Lilás* (1969), de Plínio Marcos.

²⁰ *Desde el comienzo de sus estudios [...] se encuentra en la lengua como uno de los recursos para la creación y ampliación del léxico; se codifica a veces en el habla cotidiano como una expresión habitual; se usa en el discurso literario, como un recurso artístico de ambiguidad, de ornato, de claridad, de precisión, etc* (BOBES, 2004, p. 6).

proponham aspectos metafóricos podem ser utilizados em sala de aula para trazer à tona as nossas narrativas qualiras com olhares poéticos e afetivos, desconstruindo estereótipos sobre nossas existências.

Para Luís Antonio Gabriela²¹, docente de Biologia, e a professora Giro, a oficina ampliou a visão da forma de abordar a sexualidade nas aulas de ciências/biologia, bem como as possibilidades das práticas teatrais em sala de aula. Durante a oficina, os/as docentes também relataram como os temas de gênero e sexualidade eram silenciados nas escolas que lecionam e como sentiam repressão ao tratá-los.

Após a oficina do professor Fernando, percebi as inúmeras possibilidades para a prática de teatro, pois até então tinha uma visão de teatro mais tradicional, ou seja, com cortinas, espaço de teatro propriamente dito e textos mais racionais e diretos. A partir desta experiência de hoje, me permitiu a abrir a minha mente para outras hipóteses de textos (metáforas) e espaços para a prática teatral, (Relato de Giro, participante da oficina, 2019).

[...] Uma oficina que possibilitou repensar a minha prática docente na área de ciências biológicas e nas possibilidades de se trabalhar o tema sexualidade no Brasil de hoje! (Relato de Luís Antonio Gabriela, participante da oficina, 2019).

Portanto, em diálogo com as discussões realizadas na oficina e com base nos relatos dessas professoras, ressaltamos como as práticas teatrais e as mediações de literaturas com aspectos metafóricos são caminhos potentes para envolver os/as participantes em contato com a alteridade, tendo em vista, inclusive, como aponta a autora María Teresa Andruetto, que “uma narrativa é uma viagem que nos remete ao território de outro ou de outros, uma maneira, então, de expandir os limites de nossa experiência, tendo acesso a um fragmento de mundo que não é nosso” (ANDRUETTO, 2012, p. 54).

Tais diálogos metafóricos entre a literatura, a teatralidade e as epistemologias de gênero, sexualidade e qualira oportunizam a representatividade de vozes e subjetividades de pessoas LGBTQIAP+ em sala de aula através da ficção. Essas discussões foram apontadas na etapa de leitura e discussão do artigo, o qual trazia reflexões da metáfora na escolha das narrativas qualiras.

²¹ Nome da personagem travesti que deu título ao espetáculo *Luís Antonio Gabriela* (2011), da Cia Mungunzá de Teatro, com direção de Nelson Baskerville.

Percebemos, ainda, como a temática **segredo** inibiu, de alguma forma, os/as participantes, considerando que era um grupo que não se conhecia, como também destacou a professora Geni:

*[...] A 2ª (prática) mostrou a experiência deliciosa de se ouvir uma boa contação de história, trazendo depois o “desconforto” de escrever um segredo. Enfim, experiências únicas. Boas ideias para serem “copiadas”. Adorei!
(Relato de Geni, participante da oficina, 2019).*

Nesse caso, o ‘desconforto’ talvez tenha sido pela própria tensão quando falamos em ‘segredo’ em determinada situação social. Assim, ainda que tivéssemos ressaltado que poderia ser fictício, tendo em vista que estávamos numa oficina de teatro, tal desconforto esteve presente durante a mediação. Por outro lado, o caráter de alteridade intrínseco à proposta teatral foi oportunizado nessa situação de desconforto, pois corrobora com a possibilidade de aproximar os/as participantes da oficina dos dilemas que atravessamos como pessoas qualiras cotidianamente, sempre atrelados às narrativas de **segredo, armário, silenciamento, agressões físicas e homofóbicas**.

O autor Jackson Sá-Silva (2012) compartilha como essas narrativas de segredos e silenciamentos marcam as experiências homofóbicas de docentes qualiras. Além disso, destaca como o seu corpo qualira sempre era vigiado e silenciado na escola e na Universidade:

Na entrada e saída da escola, nos pátios, nos corredores, nas salas de aula, enfim, em todos os espaços da estrutura escolar não parava de soar qualira. Qualira para identificar os/as supostos/as homossexuais, qualira para intimidar, qualira para fazer chacota [...] “esse qualira merece é porrada”, “ainda dou uma surra nesse veado qualira que me reprovou nessa porra de matéria no ano passado”. Hoje, fazendo uma releitura da situação, percebo que a marca qualira carrega inúmeras intenções. Intenções, às vezes, claramente percebidas porque expõem agressões físicas e verbais. Outras vezes, são sutis e silenciosas onde a tática é não dizer, não agredir, deixar o recado nas entrelinhas, olhares, gestos, mudanças bruscas no tom da voz e nas expressões faciais. O não dito expele micro-partículas de intolerância. Os olhares sorrateiros e de reprimenda fortificam a “certeza” de que “o outro” é o “problema”. Os grãos de rejeição a cada dia soprados no rosto dos qualiras servem para estruturar o alicerce de um muro que deve separar (SÁ-SILVA, 2012, p. 19-20, grifo nosso).

Conforme partilha o professor e pesquisador Jackson Sá-Silva (2012), “essa marca qualira” era uma tática homofóbica para apontar, desvelar e disciplinar seu corpo, o qual não se adequava aos padrões da heteronormatividade na escola. Se, por um lado, essas narrativas qualiras revelam como a homofobia está entranhada no cotidiano escolar nordestino; por outro,

oportuniza problematizarmos essas táticas excludentes e preconceituosas para propormos práticas artístico-pedagógicas com epistemologias inclusivas, isto é, propostas que contribuem para o acolhimento de vozes subalternas em sala de aula.

O docente e sociólogo Alderico Almeida, em seu livro intitulado *Homossexualidade, homofobia e educação* (2022, p. 36), afirma que “falar de homofobia significa, portanto, falar de medo; não o medo patológico individual, a que o termo “fobia” se refere, mas a produção social de insegurança e temor”. Por isso, o autor ressalta a importância da formação continuada de docentes sobre a temática da sexualidade como um caminho para discutir a diversidade sexual na escola, sobretudo proporcionar o acolhimento como prática afetiva para salvar vidas de alunos/as e professores/as qualiras que sofrem homofobia no cotidiano educacional.

Para finalizar, ressaltamos, em diálogo com o autor Antonio de Pádua Dias da Silva (2012), a importância da literatura com representatividade LGBTQIAP+ como possibilidade de adentrarmos as nuances do universo qualira, viado, bixa e boiola, através da narrativa metafórica e ficcional, nos diversos contextos do Brasil. Pois, considerando-se que “a visibilidade desses aspectos torna o outro existente, uma vez que o tira do ‘armário’ e os demais passam a conviver com o que até então era estranho, esquisito, *queer*” (SILVA, 2012, p. 88-89).

Tentando construir pontes de afetividades na escola a partir da formação continuada

Em linhas gerais, apresentamos, com base na oficina Teatralidade, leitura e literaturas qualiras, algumas reflexões relacionadas à metáfora nas literaturas infanto-juvenis com representatividade das nossas experiências qualiras, bem como às nuances entre a teatralidade e a leitura na composição das práticas artístico-pedagógicas. Além de destacar a importância de propor aos/as docentes-participantes o exercício da escuta (e fala) de personagens qualiras a partir do fictício.

Diante dessas problematizações o artigo trouxe para a discussão possíveis caminhos para que nós, educadores/as, que almejamos trazer esses debates para a sala de aula, possamos utilizar a literatura como meio de proporcionar, através da metáfora e da narrativa fictícia, a representatividade das nossas histórias de qualiragens.

Os escritos das autoras Maria Andruetto (2012) e Heloise Vidor (2016) apontam caminhos potentes para aproximar e envolver os/as integrantes no universo ficcional dos livros e contribuir para outras experiências artístico-pedagógicas que se desvinculem da lógica da

imposição da leitura na escola. Ou seja, as propostas das autoras colocam a ficção como experiência de mundo e de alteridade, assim como uma possibilidade de jogo lúdico com o texto relacionando teatro e leitura como outra abertura e aproximação com a materialidade do livro.

Dessa forma, com base nos relatos escritos e orais dos/as docentes-participantes, foi possível constatar a relevância de discutir as questões de gênero e sexualidade em sala de aula para prevenir violências homofóbicas, psicológicas e sexuais, proporcionando o acolhimento, a afetividade e a autonomia de estudantes e educadores/as LGBTQIAP+ na educação básica catarinense.

A prática proporcionou o destaque dos dilemas dos/as docentes-participantes da educação básica quando pretendem tratar dos temas de gênero e sexualidade nas escolas catarinenses. Por outro lado, também destacaram como oficinas semelhantes proporcionam uma aproximação com o teatro e as experiências qualiras, desconstruindo mitos e tabus sobre as nossas existências no contexto escolar, o que corrobora com as ideias do autor Alderico Almeida (2022) acerca da importância desses temas na formação continuada de professores/as do ensino fundamental e médio.

Por fim, a oficina oportunizou aos/às participantes, ao emergirem na narrativa fictícia, proximidade com o nosso universo qualira, a qual trouxe uma abertura para a alteridade e o entendimento da pluralidade de vozes por meio dessas epistemologias inclusivas. Ou seja, de propostas artístico-pedagógicas de acolhimento das nossas existências em sala de aula em diálogo com a formação continuada na educação básica de Santa Catarina.

Referências

ALMEIDA, Alderico Segundo Santos; SÁ-SILVA, Jackson Ronie. **Homossexualidade, homofobia e educação** [recurso eletrônico]. São Luís: EDUEMA, 2022.

ANDRUETTO, María Teresa T. **Por uma literatura sem adjetivos**. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

BOBES, Carmen. **La metáfora**. Madri: Ed. Gregos, 2004.

CORMAND, Bernat. **O menino perfeito**. Tradução de Dani Guttfreud. São Paulo: Livros da

Matriz, 2017.

LEEN, Van Den Berg. **Uma pergunta tão delicada**. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2014.

LINS, Beatriz Accioly; MACHADO, Bernardo Fonseca; ESCOURA, Michele. **Diferentes, não desiguais**: a questão de gênero na escola. 1. ed. São Paulo: Editora Reviravolta, 2016.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria *Queer* – uma política pós-identitária para a educação. **Revista Estudos Feminista**, Santa Catarina, v. 9, n. 2, 2001. P. 541-553. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2001000200012>. Acesso em: 20 jan. 2023.

NASCIMENTO, Fernando Augusto do. Entre o metafórico e o didático: caminhos de apropriações do texto literário em diálogo com as discussões de gênero e sexualidade nas aulas de teatro. *In*: VIDOR, Heloíse Baurich (Org.). **A poesia do texto na (po)ética do encontro**: experiências artístico-pedagógicas com a literatura, a leitura e o teatro. Florianópolis: UDESC, 2020.

NASCIMENTO, Fernando Augusto do. **Teatro e representatividade *Queer***: experiências com o método do drama na escola. 1. ed. São Paulo: Hucitec: 2022.

PEREIRA, Diego de Medeiros. **Drama na educação infantil**: experimentos teatrais com crianças de 02 a 06 anos. 2015. 249 f. Tese (Doutorado em Teatro) – Programa de Pós-Graduação em Teatro, Universidade do Estado de Santa Catarina, Santa Catarina, 2015.

SILVA, Antonio de Pádua Dias da. A história da literatura brasileira e a literatura gay: aspectos estéticos e políticos. **Leitura**, v. 1, n. 49, 2012. Disponível em: <http://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/946>. Acesso em: 20 mai. 2022.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie. **“Homossexuais são...”**: revisitando livros de medicina, psicologia e educação a partir da perspectiva *queer*. 2012. 400 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul, 2012.

VIDOR, Heloise Baurich. **Leitura e Teatro**: aproximação e apropriação do texto literário. São Paulo: Hucitec, 2016.

VIDOR, Heloise Baurich. **A poesia do texto na (po)ética do encontro**: experiências artístico-pedagógicas com a literatura, a leitura e o teatro. Florianópolis: UDESC, 2020.